

## As repercussões do *coming out* nas famílias de jovens adultos homossexuais

Geysa Cristina Marcelino Nascimento

Fabio Scorsolini-Comin

### RESUMO

O processo do *coming out* pode reverberar de modo diferente em cada núcleo familiar. O presente estudo teve por objetivo conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família de origem. Participaram 24 membros de oito diferentes núcleos familiares. Foram empregados roteiros de entrevista e Diagramas de Escolta. As famílias, com certa dificuldade e resistência, aceitaram ou ainda estão em processo de aceitação de seus(suas) filhos(as), sendo observada alta recusa dos pais em falar sobre o assunto. Todos os membros consideraram importante saber do *coming out*. Os irmãos representaram uma potente fonte de apoio aos homossexuais, contribuindo para a aceitação dos demais membros. Alguns movimentos de preconceitos velados puderam ser depreendidos, tornando lícita a afirmação de que a aceitação é um processo construído ao longo do tempo e das experiências em família.

*Palavras-chave:* *coming out*; família; homossexualidade; orientação sexual.

### ABSTRACT

#### The repercussions of coming out on gay young adult families

The coming out process may reverberate differently in each family nucleus. The present study aimed to know the perceptions of mothers, fathers, siblings and homosexuals about the repercussion of coming out in the family. A total of 24 members from eight different family groups participated. Interview scripts and Escort Diagrams were used. The families, with some difficulty and resistance, accept or are still in the process of accepting their children, and a high refusal of parents to talk about the subject was observed. All members considered it important to know about the coming out. The siblings represented a powerful source of support for the homosexuals, contributing to the acceptance of the other members. Some movements of veiled prejudice could be understood, making the statement that acceptance is a process built over time and through family experiences.

*Keywords:* coming out; family; homosexuality; sexual orientation.

### Sobre os autores

G. C. M. N.  
<http://orcid.org/0000-0002-7359-866X>  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro – Uberaba – MG  
[geysanascimento@terra.com.br](mailto:geysanascimento@terra.com.br)

F. S. C.  
<http://orcid.org/0000-0001-6281-3371>  
Universidade de São Paulo – São Paulo – SP  
[fabio.scorsolini@usp.br](mailto:fabio.scorsolini@usp.br)

### Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Ao longo do tempo, a homossexualidade vem sendo vista de diversos modos, a depender do período histórico e dos aspectos econômicos, políticos, religiosos, sociais e culturais em pauta (Hoffarth & Bogaert, 2017; Lira & Morais, 2017); Nascimento et al., 2015). Com as transformações sociais, a família também vem sendo modificada, permitindo novas configurações, como no caso das famílias compostas por casais de gays e lésbicas. Tais modificações, no entanto, não têm ocorrido sem resistências, como ainda podemos observar quando um membro da família assume a sua homossexualidade, fenômeno este investigado no presente estudo.

A ideia de que a família deve ser centralizada em um casal heterossexual e de que os filhos devem seguir o papel heteronormativo causa uma série de conflitos diante do chamado *coming out*, termo em inglês consagrado na literatura científica para se referir à revelação da orientação sexual, também conhecido popularmente como a "saída do armário". Em muitos casos o *coming out* pode frustrar as expectativas dos pais em relação à orientação sexual dos filhos, processo este que pode conduzir a dois principais desfechos: o de aceitação ou o de intolerância (Amorim, & Stengel, 2014; Miskolci, 2015; Robinson, & Brewster, 2016). Essa mesma literatura também tem salientado que existem gradientes tanto da aceitação quanto da intolerância. A aceitação pode se dar de modo completo ou gradualmente, ou mesmo em relação a determinadas expressões e comportamentos e não em relação a outros. Já a intolerância também pode ter diferentes faces, como o rompimento de vínculos, a recusa em oferecer apoio e até mesmo a violência.

A partir da perspectiva do gênero, observa-se que os(as) homossexuais podem conviver diariamente com preconceitos, violências e abusos diversos, o que, em muitos casos, advêm da própria família, o que é denominado de homofobia intrafamiliar. Nesses casos, a família caminha para o lado oposto do que é desejado pelos(as) homossexuais, uma vez que é esperado, comumente, que esta instituição os(as) apoie e os(as) acolha. No entanto, a família nem sempre se apresenta como uma instância de proteção e acolhimento. No terreno da expressão das sexualidades, sobretudo das que se distanciam da heteronormatividade, essa recusa em acolher e proteger pode ser disparadora de diferentes dificuldades (Sung, 2015; Valente et al., 2018).

No caso do *coming out*, surgem uma série de tensões, uma vez que a família pode passar a rejeitar, agredir, ignorar e não compreender o(a) filho(a), promovendo repercussões que interferem no ajustamento psicossocial e nas condições de saúde e bem-estar. A família, nesse sentido, nem sempre se apresenta como apta a funcionar como rede de apoio, o que nos coloca diante de outras configurações de rede que possam atuar de modo positivo, a exemplo dos amigos. A literatura destaca que a rede de apoio social é suma importância para a manutenção da saúde mental dos indivíduos que revelam a sua homossexualidade (Antunes, 2017; Costa et al., 2015;

Frost et al., 2016; Gaspodini, & Falcke, 2018; Souza et al., 2020).

As questões relacionadas ao ajustamento psicossocial e à rede de apoio também são destacadas em alguns estudos, nos quais são ressaltados que muitos jovens, ao revelarem a orientação sexual, têm o acolhimento inicial advindo da rede de apoio formada por amigos, grupos de jovens e, posteriormente, do grupo familiar (Frost et al., 2016; Souza et al., 2020; Tombolato et al., 2018). No presente estudo, a rede de apoio se refere às pessoas que participaram mais diretamente do processo do *coming out* dos entrevistados como, por exemplo, o próprio núcleo familiar, família extensa, religião, amigos, internet, entre outros. Pela possibilidade de haver uma tentativa de trazer o jovem para uma norma sexual hegemônica, os conflitos familiares podem surgir e ganhar força, sendo a rede de apoio externa ao núcleo familiar essencial para esclarecimentos e o fortalecimento de vínculos após o *coming out*.

As consequências emocionais após a revelação ou expressão da orientação sexual podem ser as mais diversas, gerando uma gama de conflitos internos e externos, com sofrimento não apenas do(a) jovem, mas de toda a família que o(a) acompanha (Perucchi et al., 2014; Zanatta et al., 2018). Esse sofrimento está ligado ao modo como a sexualidade ainda é vista em nossa sociedade, com base nas normas do século XIX. Vale ressaltar que o silêncio/omissão da homossexualidade também configura em um tipo de repressão, na qual não permite que o sujeito assuma quem de fato é, o que pode acarretar mais sofrimentos e disparar prejuízos físicos e emocionais, bem como afetar as rotinas e convívios daqueles envolvidos.

Há que se problematizar, também, que ainda que o momento da revelação da orientação sexual seja considerado o de manejo mais delicado, toda a trajetória após essa comunicação deve ser acompanhada no sentido de compreender as repercussões e as demandas emergentes com o passar do tempo e dos novos desafios desenvolvimentais. Essas questões têm configurado uma importante lacuna na literatura científica, despertando o interesse não apenas acerca do momento da revelação e se há ou não um acolhimento emergencial, mas como se dá, ao longo do tempo, o processo de aceitação por parte dos diferentes atores da família (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2021). Nesse sentido, faz-se necessário mais estudos que compreendam a importância do papel da família diante do *coming out*, bem como para ampliar a visão que se tem em relação à temática e o papel da rede de apoio nesse contexto.

Dar voz a toda família é essencial para identificar a demanda de cada membro, os posicionamentos construídos e cristalizados ao longo do tempo, respeitando os princípios e valores de cada um, com o intuito de, a partir do conhecimento individual, poder colaborar para que o sistema familiar seja compreendido e melhor vivenciado, sempre em busca de melhores condições para o desenvolvimento e ajustamento psicossocial. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo co-

Conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família.

## MÉTODO

### TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CAAE 61274116.6.0000.5154).

### PARTICIPANTES

Foram convidados a participar deste estudo jovens adultos homossexuais que passaram pelo *coming out*, ou seja, que revelaram a orientação sexual às suas famílias. Também foram convidados a participar do estudo os núcleos familiares desses sujeitos-focais, especificamente seus genitores (pai e/ou mãe) e irmãos(ãs) acima de 18 anos de idade. Não houve critérios de inclusão/exclusão em relação aos aspectos socioeconômicos, de escolaridade, de estado civil ou de parentalidade (consanguínea ou adotiva). Também não foi observado um tempo mínimo desde a revelação da homossexualidade aos familiares, a fim de ampliar as possibilidades de acesso a essas famílias.

Para a definição do número de participantes, foram adotados os seguintes procedimentos: (a) em cada núcleo familiar foram convidados a participar os membros-alvo deste estudo, ou seja, o homossexual (sujeito-focal), pai, mãe e irmã(o)(s) (os); (b) foram considerados habilitados para compor a amostra as famílias em que houve entrevistas com, pelo menos, o sujeito-focal e um membro de sua família. Tal decisão foi tomada devido à dificuldade de localizar famílias em que todos os membros se mostrassem disponíveis para a participação no estudo; (c) as buscas por famílias ocorreram até o momento em que se julgou, a partir de uma pré-análise realizada pelos pesquisadores, que os resultados permitiam a construção de casos múltiplos que pudessem responder suficientemente aos objetivos propostos pelo estudo. Assim, não se trata propriamente de um processo de saturação dos dados, mas de representatividade diante dos objetivos apregoados e tendo como base os pressupostos da pesquisa qualitativa. Tais procedimentos foram adotados tendo como referência experiências anteriores (Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017).

### INSTRUMENTOS

Foram utilizadas entrevistas em profundidade. Foram aplicados três roteiros distintos, com perguntas acerca dos objetivos do presente estudo, um destinado aos homossexuais/sujeitos-focais, um aos pais/mães e outro as(os) irmãos(ãs) dos sujeitos-focais. Em linhas gerais, foram coletados dados referentes ao assumir-se homossexual para o(a) jovem

e para a família, as possíveis repercussões que o *coming out* do(a) filho(a) causou na vida da família e como isso se deu para o filho(a).

De modo complementar às entrevistas foi aplicado um Diagrama de Escolta a todos os participantes com o objetivo de conhecer as principais redes de apoio social de cada membro. Foi empregado o modelo da Escolta de Apoio Social proposto por Kahn e Antonucci (1980) e adaptado por Paula-Couto et al. (2008). O Diagrama é apresentado em três círculos concêntricos e hierárquicos com o participante representado no meio pelo pronome eu. No primeiro círculo mais próximo ao eu, o(a) entrevistado(a) escreveu quais são as pessoas que ele(a) considera mais importantes e efetivamente mais próximas. No segundo círculo ele(a) escreveu quem são as pessoas que considera importantes, todavia menos próximas. Por fim, no terceiro círculo, foram colocadas as pessoas importantes, contudo mais distantes. Buscou-se compreender se as pessoas listadas nesses diagramas compuseram uma rede de apoio diante do processo de *coming out*.

## PROCEDIMENTO

### COLETA DE DADOS

O contato inicial com os participantes aconteceu a partir de convites dos pesquisadores por meio das redes sociais. O primeiro contato se deu com o sujeito-focal – homossexual masculino ou feminino – e este, aceitando participar da pesquisa, convidou sua família para participar. Nessas ocasiões, os pesquisadores explicitaram os objetivos do estudo e os termos do trabalho. Vale ressaltar que o contato inicial foi realizado com o sujeito-focal e este estendeu o convite aos seus familiares. Os interessados em participar voluntariamente leram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, estando de acordo, foram agendadas entrevistas com os participantes, ocasião na qual também foi aplicado o Diagrama de Escolta. Antes da realização da entrevista, os participantes atestaram a sua anuência por meio da assinatura do TCLE. As entrevistas ocorreram em suas casas ou em salas reservadas do serviço-escola de Psicologia da instituição dos autores, sendo audiogravadas e posteriormente transcritas, compondo o *corpus* analítico.

### ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada a análise de acordo com o grupo de mães, pais, irmãos(ãs) e homossexuais. Optou-se por analisar os grupos e não as famílias, a fim de verificar como cada grupo compreende o processo do *coming out*, o que favorece a análise mais consistente acerca da percepção de cada grupo. O Diagrama de Escolta foi analisado de acordo com a quantidade de membros listados em cada círculo, enfatizando-se as figuras pertencentes à rede de apoio mais próxima, mencionada

no primeiro círculo, por exemplo. Em relação ao *corpus* analítico composto pelas entrevistas em profundidade, foram adotados os procedimentos de análise temático-reflexiva de Braun e Clarke (2019). Os temas produzidos a partir das entrevistas e os dados dos Diagramas de Escolta foram interpretados com base em estudos nacionais e internacionais relacionados às áreas de gênero, sexualidade, família e *coming out*.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Foram entrevistados 24 participantes, provenientes de oito núcleos familiares distintos, sendo cinco gays, três lésbicas, dois pais, sete mães, quatro irmãs e três irmãos. Os sujeitos-focais foram oito jovens adultos homossexuais autodeclarados gays/lésbicas, com idade entre 22 e 34 anos, que revelaram aos familiares a sua orientação sexual homossexual. Todas as famílias entrevistadas são provenientes de uma cidade de médio porte do interior do estado de Minas Gerais. As principais características dos participantes estão resumidas na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos participantes do estudo (n=24)

Família (n°)	Membro	Nome fictício	Idade	Estado Civil	Religião	Cor auto-declarada	Idade do <i>coming out</i>	Aceitação da orientação sexual
1	Sujeito-focal	Arthur	26	Casado	Católico	Branco	10	Sim
	Mãe	Adriana	43	Casada	Católica	Branca	-	Sim
	Irmã	Julia	18	Solteira	Católica	Branca	-	Sim
2	Sujeito-focal	Pedro	22	Solteiro	Nenhuma	Pardo	15	Sim
	Mãe	Rose	56	Casada	Espírita	Branca	-	Sim
	Irmã	Amanda	26	Casada	Espírita	Parda	-	Sim
3	Sujeito-focal	Gisele	31	Casada	Espírita	Branca	20	Sim
	Mãe	Vera	56	Divorciada	Espírita	Branca	-	Sim
4	Sujeito-focal	Sofia	22	Solteira	Católica	Branca	19	Sim
	Mãe	Beatriz	53	Casada	Católica	Branca	-	Não
	Irmão	Tiago	21	Solteiro	Ateu	Pardo	-	Sim
5	Sujeito-focal	Antônio	34	Solteiro	Ateu	Preto	16	Sim
	Mãe	Sandra	51	Divorciada	Espírita	Branca	-	Sim
	Irmã	Carla	32	Solteira	Nenhuma	Preta	-	Sim
6	Sujeito-focal	Caio	24	Solteiro	Candomblé	Pardo	14	Sim
	Pai	Marcos	70	Divorciado	Agnóstico	Branco	-	Sim
	Irmão	Felipe	20	Solteiro	Ateu	Branco	-	Sim
7	Sujeito-focal	Bruno	22	Solteiro	Católico	Pardo	14	Sim
	Mãe	Lúcia	45	Separada	Católica	Branca	-	Sim
	Irmã	Letícia	24	Solteira	Católica	Amarela	-	Sim
8	Sujeito-focal	Marina	25	Solteira	Ateu	Parda	20	Sim
	Mãe	Joana	47	Casada	Evangélica	Parda	-	Sim
	Pai	Luiz	51	Casado	Evangélico	Pardo	-	Sim
	Irmão	Otávio	28	Casado	Evangélico	Pardo	-	Sim

Nota-se que, embora fosse mencionado o convite ao pai, os(as) próprios(as) homossexuais descartavam esta possibilidade, uma vez que ainda observavam que estes não aceitam a revelação, bem como não conversam acerca do tema, sendo que apenas dois dos oito pais convidados participaram da pesquisa. Estes foram bastante acessíveis, falaram de seus sentimentos e reações diante da revelação de modo sereno e deixando claro o apoio que dão para seu filho ou filha.

Das sete mães entrevistadas, apenas uma delas ainda não aceita a homossexualidade da filha, alegando que não foi criada desta forma, mas que, ao mesmo tempo, percebe a felicidade da filha, o que a faz avançar no processo de aceitação. As demais mães disseram que, por mais que desconfiassem da homossexualidade, saber foi um choque, gerando conflitos internos como a culpa, sentimento de impotência, como se não tivessem sido boas mães, tivessem errado em algum momento na criação do(a) filho(a). Com o processo do *coming out*, estas mães perceberam que não haviam errado na criação de seus filhos, mas sim, que esta é sua orientação sexual e que deve ser respeitada.

Já os irmãos e irmãs acompanharam de perto o processo de revelação, com apoio e dedicação aos seus irmãos. Contaram que, mesmo com o impacto inicial, em alguns casos, mantiveram-se disponíveis para ajudar o(a) irmão(a) a lidar com as consequências da revelação, não apenas com a famílias, mas com a sociedade em geral. Demonstraram, em sua totalidade, preocupação relacionada ao preconceito em casa e fora dela, com receio de que o(a) irmão(ã) passasse por situações de violência verbal, emocional e física.

Os(as) homossexuais entrevistados(as) contaram como foi o processo do *outness* e do *coming out*, assim como relataram suas percepções do modo como suas famílias receberam a informação. Todos(as) sentiram medo de rejeição e por isso demoraram, cada um a seu modo, para revelar. Notaram a preocupação de suas famílias no momento da revelação, além do choque, sentimento de culpa, decepção, entre outros sentimentos, sendo estes alterados com o passar do tempo. Os(as) homossexuais compreendem o processo de suas famílias e também têm seus medos e preocupações em relação às suas vidas. Observam o preconceito intrafamiliar, de modo especial, pelas pessoas do sexo masculino. Pais, tios, primos e padrastos são observados como preconceituosos em grande parte dos casos, sendo as pessoas do sexo feminino mais receptivas, na visão dos(as) homossexuais entrevistados(as).

A partir da leitura exaustiva das entrevistas e dos estudos dos Diagramas de Escolta foram produzidos três temas que permitiram responder aos objetivos da investigação: 1) As percepções de mães, pais e irmãos(ãs) acerca do *coming out*; 2) As redes de apoio social no processo de *coming out*; 3) A homossexualidade e suas repercussões na vida de gays

e lésbicas no seio familiar. Vale ressaltar que no eixo 1 foram consideradas as compreensões e percepções dos grupos de mães, pais e irmãos(as) em relação ao *coming out* e no eixo 3 foram analisadas as repercussões a partir da visão do(a) próprio(a) homossexual, ressaltando as semelhanças e diferenças nos processos de *coming out* experienciados. As redes de apoio social exploradas no eixo 2 tomaram por base todos os 24 participantes em grupos (pais, mães, irmãos, irmãs e sujeitos-focais).

## 1) AS PERCEPÇÕES DE MÃES, PAIS E IRMÃOS(ÃS) ACERCA DO *CÔMING OUT*

Neste eixo, serão analisadas as entrevistas de mães, pais e irmãos(ãs) acerca do *coming out* em suas respectivas famílias, ressaltando como esses grupos percebem e vivem a homossexualidade dos sujeitos-focais. Serão apresentados trechos de algumas das entrevistas, a fim de destacar pontos importantes para os entrevistados, desde a descoberta ao processo de aceitação da orientação sexual do(a) filho(a)/irmão(ã). Nota-se que, embora alguns membros da família já tivessem “desconfiado” da orientação sexual do(a) filho(a), o momento da revelação não deixou de ser descrito como um choque/surpresa, envolvendo uma série de aspectos como dúvidas, receios, medos e cuidados. Cada membro tem uma percepção acerca do modo como ocorreu este processo, o que ressalta a importância de conhecer o que cada um pensa e sente no decorrer do *coming out* (Campos & Guerra, 2016; Hoffarth & Bogaert, 2017).

Quando perguntado às mães, pais e irmãos(ãs) acerca de quando perceberam a homossexualidade do(a) filho(a)/irmão(ã), nota-se que, em alguns casos, a família já havia percebido e, em outros casos, não haviam imaginado essa possibilidade, como pode ser observado nas falas de Adriana e Beatriz, mães desses jovens. Adriana, mãe de um homossexual masculino conta que “... Às vezes que ele me pedia para passar coisas de menina. ... Eu não sabia na barriga, mas depois que ele nasceu. Eu já sabia. Quando ele me contou. Eu já estava preparada há muito tempo. Ele que não sabia.” Já Beatriz, mãe de uma homossexual feminina, relata que

... Nunca gostou de, apesar dela sempre ter gostado muito de boneca. Até aos 12 anos, ainda brincava de boneca. Mas sempre ela gostou de subir em árvore, sempre gostou de jogar bola. Sempre foi mais moleque. Ela sempre foi mais pra esse lado assim. Mas assim, nada que eu ficasse pensando: “Minha filha é gay.” ... Ela sempre queria entrar em escolinha de futebol. Eu sempre ficava meio com o pé atrás.

Assim como mencionado na literatura nacional e internacional, a revelação da orientação sexual difere de família para família, bem como o processo posterior ao *coming out*. E, neste sentido, pode-se entender que

as atitudes em relação aos homossexuais estão sob influência das diferentes culturas e crenças, além das opiniões pré-estabelecidas pela sociedade, como, por exemplo, pelo desejo de se manter as tradições heteronormativas, idealizadas pelas questões de gênero e os(as) homossexuais colocam à prova e acabam transgredindo as regras, a partir da visão tradicional da sociedade. Isso pode ser observado na fala de Beatriz que, embora dissesse não desconfiar da homossexualidade da filha, ficava receosa ao permitir que jogasse futebol, algo que remete, a partir de sua opinião, à ideia de uma prática voltada para o público masculino (Costa et al., 2015). Sendo assim, é relevante compreender como tais familiares justificaram a “desconfiança” acerca da homossexualidade dos filhos, relatando situações e comportamentos que, culturalmente, podem ser mais associados ao sexo oposto, o que também pode revelar certa estereotipia de gênero, o que fica representado nas falas anteriores. É importante afirmar que a expressão de comportamentos sociais toma por base uma série de fatores, como tradições, crenças e construções culturais e históricas, de modo que tais modos de ser e de se comportar podem variar de uma cultura a outra, sendo ilusória a identificação rígida de expressões estritamente masculinas ou femininas, como as aqui retratadas (Sabat et al., 2014).

Embora não seja o objetivo deste estudo, pode-se problematizar, inclusive, acerca da terminologia empregada por essas famílias, o “desconfiar”. Assim, a expressão da orientação sexual deixa de ser um aspecto da subjetividade do sujeito e passa a ser tomado como algo público, mantido sob vigilância. Ao meio social e à família, no caso, seria necessário “confiar” na expressão da orientação sexual, desde que ela seja alinhada à heteronormatividade. Qualquer expressão dissonante, como no caso dos participantes, passa a ser apreendida em termos de algo que precisa ser revelado e que seja passível de confiança. “Desconfiar da homossexualidade”, desse modo, poderia ser interpretado como uma forma de não apenas acessar a real expressão da orientação sexual do sujeito, mas também balizá-la – e controlá-la – dentro da heteronormatividade.

Na visão da família, o processo do *coming out* passou por etapas, desde a descoberta à aceitação – em casos em que esta ocorre –, passando pela frustração, dúvidas, medos e acolhimento. Isso pode ser observado na fala de Beatriz, que diz ter sido

Um susto muito grande. Eu fiquei quatro dias sem conversar. Eu não conseguia falar com eles. Não conseguia falar com o meu marido. Não falava com ninguém. Chorava, chorava, chorava, chorava ... *ai eu fiquei um bom tempo me culpando, aonde que eu errei. ... Até que chegou o dia que falei: “Gente eu não errei nada.” ... Não foi eu que errei. Eles já têm idade que é certo e o que é errado. Então a partir do momento, que eu assumi que não errei nada. ... Ai depois desses quatro dias, ai que fui conversa com eles. ... Ai eu falei pra eles: “Eu não vou fala de uma hora pra outra, que*

isso é uma coisa normal. Porque o normal é muito relativo. O normal depende de quem tá vendo. Mas pra mim, o normal seria homem e mulher juntos. ... Então eu conversei com eles, falei que ia respeita, que ia convive, mesmo não aceitando.

Para que o(a) homossexual revele a orientação sexual para a família, este pode passar por uma série de conflitos internos até o momento da revelação. Trata-se de um fenômeno cada vez mais comum, o que mostra reações contraditórias e, por vezes, violenta, por parte da família e da sociedade. A literatura assinala a importância do acolhimento da família no momento da revelação, o que favorece o fortalecimento dos laços e dos vínculos, diminuindo o índice de agressões nos núcleos familiares e sociais (Frost et al., 2016).

Nesse sentido, os(as) irmãos(ãs) apresentaram um papel fundamental no *coming out*, uma vez que eles buscaram cuidar do(a) irmão(ã), como conta Amanda, que representa os demais irmãos e irmãs entrevistados:

(...) eu pedi pra ele era pra ele tomar cuidado. Porque principalmente, em questão de relação sexual. Falei ‘se previna’. ... *É a única coisa que martelei muito com ele isso. Parece que é muito à flor da pele, o momento que eles vivem, sabe? Então a minha preocupação com ele foi apenas essa.*

Assim como discutido anteriormente, as reações à revelação da homossexualidade também acabam tendo como corolário expressões rígidas e estereotipadas do que é a homossexualidade. Neste caso, a homossexualidade emerge associada a uma atividade sexual considerada descontrolada, desregrada, que merece maior atenção em comparação, por exemplo, com as práticas desempenhadas por heterossexuais. As preocupações familiares aparecem associadas às expressões sexuais da homossexualidade, o que também carrega posicionamentos considerados rígidos e preconceituosos (Hauer & Guimarães, 2015; Silva et al., 2015), em adição aos comportamentos associados ao gênero. No caso dessa família, a preocupação não recai sobre o acolhimento do homossexual no momento da revelação, mas de como essa orientação, em sua visão, seria sinônima de maior exposição a riscos ou a vulnerabilidades.

A revelação da orientação sexual chegou de um modo mais sereno para os pais entrevistados, sendo que Marcos é pai de homossexual masculino e Luiz é pai de homossexual feminina. Para ambos, a descoberta aconteceu de maneira espontânea e, como já haviam desconfiado desta possibilidade, souberam acolher bem os filhos neste momento. Vale ressaltar que nem sempre os pais recebem essa notícia de modo acolhedor, sendo o receio pela reação paterna um dos principais motivos pelo qual o(a) homossexual oculta a identidade sexual não-normativa (Pérez-Sancho, 2005). Ao contrário do que foi apresentado por Pérez-Sancho (2005), os sentimen-

tos de culpa, negação, vergonha e afastamento da família não ocorreram no caso destes jovens, uma vez que seus pais os acolheram desde o início, o que facilitou o diálogo e novas oportunidades de estreitar os laços. Relatam aceitar a orientação sexual do(a) filho(a), bem como fazem questão de estarem sempre por perto para ajudar no que for preciso. Marcos conta o momento da revelação, transparecendo tranquilidade e aceitação de imediato:

Quando eu comprei o primeiro computador, né. Passou a vir um vizinho aqui junto. Então a gente percebe assim, um tipo de coisa. Mas um dia ele chegou e falou: “Pai senta aí, que preciso falar uma coisa com você.” Aí eu falei: “Pode falar filho. Tô com pressa. Deixa eu trabalhar.” Ele falou: “Não, senta aí. O senhor sabe porque eu fico até de madrugada no computador e tal? Eu fico conversando, pai, com uma pessoa lá, em [nome de uma cidade de outra região]. E o que tenho pra dizer pro senhor, que eu sou gay.” Eu lembro, por mais que você... Aí abaixei a cabeça e levei aquela coisa, aí a resposta que dei pra ele: “Tô com você até a morte, meu amor”.

As reações positivas dos pais entrevistados no presente estudo podem estar ligadas ao próprio fato de estes terem consentido com a participação na pesquisa. Como explicitado no método, muitos homossexuais pediram para que os pais não participassem da pesquisa, sendo que as justificativas eram as de que tinham pouca vinculação com os filhos ou que ainda não os aceitavam. A recusa, nesse sentido, também pode ser compreendida como um dado importante acerca do tema. Assim, esses pais entrevistados denotam uma maior aceitação do processo, em uma postura que contribui para o acolhimento dos filhos e, conseqüentemente, para a livre expressão de sentimentos, comportamentos e também o estabelecimento de relacionamentos amorosos desses filhos com seus parceiros.

Quando se trata de homofobia intrafamiliar, as opiniões divergem entre os entrevistados, sendo que alguns negam haver em casa e outros, da mesma família, assumem que existe. Nota-se uma dificuldade em assumir o preconceito em casa, sendo este velado com frequência, por meio de falas como “te aceito como é, mas não vamos contar para ninguém”, “esse é um tipo de coisa que não fica comentando por aí” (Beatriz, mãe). Vale ressaltar que, embora apenas uma das mães tenha assumido ainda não ter aceitado o *coming out* da filha e ter deixado claro que seu marido não aceita de forma alguma, as demais famílias mostram-se confortáveis com esse processo.

Inicialmente, a maior parte dos entrevistados nega ter preconceito em casa, mas este aparece em falas como as de Beatriz, sendo também exemplificado pela família de Bruno, na qual ele, a mãe e a irmã têm pontos de vista distintos, em que a irmã conta que “percebo que meu padrasto tem preconcei-

to” (Letícia, irmã), e, em contrapartida, Sandra (mãe) relata que “não há preconceito em minha casa, meu marido sabe e aceita meu filho”. Outro contraponto é que, na fala de Bruno, ele acredita que seu padrasto não sabe da sua homossexualidade, como pode ser visto na fala dele quando diz que “meu padrasto não sabe, acho que minha mãe não contou”. Sendo assim, há questões veladas dentro do núcleo familiar, ocasionando momentos de desconforto entre as partes, principalmente para aqueles que percebem o preconceito.

Estudos relatam que o preconceito no contexto familiar pode ser entendido como um mecanismo de violência dentro da própria família, ocasionando rupturas entre os membros, além de ser vista como uma defesa, ataque, interdição, ou até mesmo como um modo de opressão por não seguir o modelo heteronormativo, o que gera a negação, como no caso do marido de Beatriz, que não aceita falar sobre o assunto e ignora a homossexualidade da filha (Laghi et al., 2015; Rondini et al., 2017).

Mesmo que se trate de famílias que não se encontram em conflito pelo processo de *coming out* de um de seus membros, ainda é possível perceber que o preconceito permeia esses lares, seja representado pelo pai/padrasto que se nega a falar sobre o assunto, ou pelos tios e primos que fazem piadas, por exemplo. É importante sublinhar, como afirmado anteriormente, que o processo de aceitação não envolve apenas a narrativa de uma reação diante do momento da chamada “revelação” ou da “descoberta”. Essa aceitação vai sendo construída ao longo do tempo, em função de fatores como o comportamento do(a) homossexual, suas redes de relacionamentos e até mesmo de eventos que possam ou não incluir a família de modo mais direto, como quando há o início de um novo relacionamento afetivo, por exemplo. Possivelmente a diminuição do preconceito possa se dar também a partir do tempo, em consonância com a aceitação.

## 2) AS REDES DE APOIO SOCIAL NO PROCESSO DE *COMING OUT*

No que tange ao Diagrama de Escolta, a rede de apoio das mães consistiu em familiares no primeiro círculo, amigos no segundo e parentes mais distantes no terceiro. Algumas mães contaram com o apoio de suas próprias mães, que aceitaram a homossexualidade do(a) neto(a) primeiro que muitas delas. As mães comentaram o receio de dividir com a família estendida – tias, primos, entre outros – com medo dos possíveis julgamentos. Contudo, puderam contar com algumas destas pessoas para que pudessem ter abertura para assumir para o restante da família.

Já a rede de apoio dos pais se resume ao próprio núcleo familiar, não sendo algo comentado com amigos nem com parentes distantes. Relataram que a esposa e os próprios filhos foram suas redes e que não foi um processo difícil, em compa-

ração aos relatos das mães.

Os(as) irmãos(ãs), em todos os casos, foram as redes de apoio dos(as) homossexuais que estavam revelando a orientação sexual. Para conseguirem ajudar seus(suas) irmãos(ãs), eles buscaram ajuda em colegas de trabalho e primos próximos no primeiro círculo, sendo o segundo círculo formado, em sua maioria, por pessoas do trabalho e, por último, parentes mais distantes e colegas com quem não possuem contato frequente.

A rede de apoio, já citada nas entrevistas e expandida por meio do Diagrama de Escolta, reforça sua importância nos casos de revelação da orientação sexual (Hank & Salzburger, 2015), como destacaremos a seguir. O primeiro aspecto a evidenciar é que os irmãos constituíram uma importante rede para os homossexuais que se assumiram, compondo uma fonte de apoio e acolhimento que pode ser decorrente do fato de que possuem idades próximas ou que ocupam a mesma posição na hierarquia familiar, ampliando a sensação de empatia pelo outro. O fato de os irmãos apoiarem o *coming out* também pareceu contribuir para que os genitores compreendessem melhor o processo. As mães buscaram apoio em figuras da própria família, com destaque para o papel das avós nesse processo.

Já os pais se remeteram aos membros da própria família nuclear, com dificuldades de expor a situação para pessoas de fora do círculo mais íntimo de convivência. Assim, é lícito conjecturar que os pais tenham maior dificuldade em compartilhar esses eventos com pessoas fora da família nuclear, em contraposição ao que aconteceu com as mães e os demais filhos. Na fala da mãe Beatriz, é nítido o comportamento esperado vindo de um homem, relacionando a revelação da homossexualidade e a sociedade, relatando que

Eu acho que quando é homem o sofrimento é maior. O preconceito é maior. A aceitação das pessoas assim, do mesmo ambiente. As piadinhas são mais cruéis. Tudo é mais cruel, pro lado do homem, eu acho. E porque é assim, porque eu fui criada de uma forma, que o normal é homem e mulher. Mas mulher pode se cumprimenta, se beija, se abraça, que é uma coisa normal. E homem não chora, não se abraça. Nota-se que o processo de *coming out* reflete diretamente nas questões familiares, como pode ser observado nas falas dos entrevistados. De qualquer forma, destaca-se que a família não se mostra indiferente a essa revelação, pelo contrário. Ainda que pessoas fora do círculo familiar possam atuar, notadamente acolhendo quem revela a sua homossexualidade, há que se destacar que a família nuclear ainda exerce um importante papel, uma vez que a mãe pode apoiar o esposo, os filhos podem apoiar os pais, as avós podem ajudar as mães, apenas para retratar os exemplos trazidos neste estudo, reforçando a consideração de que, ainda com dificuldades, a família é a rede

de apoio mais significativa nesse contexto. Esse dado nos alerta para a possibilidade de se investir em intervenções nessas famílias, habilitando-as para o exercício de um cuidado com os(as) filhos(as) que expressem orientações sexuais que fujam à heteronormatividade.

Percebe-se também que esta “aceitação” oscila, sendo que em algumas falas ela parece ser real e, logo em seguida, esta fala sofre alterações e os entrevistados demonstram que a aceitação não é algo tão real assim. É importante este destaque, pois, embora muitos entrevistados digam que aceitam, na verdade ainda não aceitam e têm dificuldades de expor este sentimento, já que sabem da importância do apoio da família para o(a) homossexual diante da revelação. Assim, a “aceitação” parece ser um evento multifacetado e que comporta diferentes expressões a depender de cada núcleo familiar, devendo ser um aspecto a ser analisado ao longo do tempo e também em função dos movimentos operados pelos demais membros do núcleo familiar.

### 3) A HOMOSSEXUALIDADE E SUAS REPERCUSSÕES NA VIDA DE GAYS E LÉSBICAS NO NÚCLEO FAMILIAR

O presente eixo apresenta a visão dos(as) próprios(as) homossexuais acerca de como foi – e está sendo – o processo de *coming out* para eles mesmos, seus pais e irmãos. Serão destacados pontos relevantes a partir da perspectiva dos entrevistados, que sempre deixam muito clara a percepção dos preconceitos vividos, bem como a importância de pessoas do núcleo familiar que de fato que os apoiam e dão forças para caminharem mais seguros. Vale ressaltar que nas entrevistas analisadas não houve relatos de violência física, mas sim de violência psicológica. Os casos múltiplos aqui analisados foram explorados de acordo com as semelhanças e diferenças entre as falas, a partir de uma leitura transversal das entrevistas.

A homossexualidade reflete de diferentes modos na vida de quem a assume, com variações que vão desde serem bem acolhidos em casa à expulsão do núcleo familiar (Campos & Guerra, 2016; Perucchi et al., 2014; Rondini et al., 2017). De acordo com as entrevistas realizadas, observa-se que as repercussões na vida de gays e lésbicas foram, de um modo geral, bem-sucedidas, apesar de, no início do processo, ter havido uma série de questionamentos por parte de algumas famílias e, em outras, a acolhida chegou de modo mais breve. Vale ressaltar que a maior parte dos pais – genitores masculinos – não participaram da pesquisa porque não aceitam seus(suas) filhos(as) e não falam sobre o assunto, o que foi considerado pelos entrevistados um fator negativo no *coming out*, já que a família acaba se dividindo diante desse tipo de comportamento, uma vez que os(as) companheiros dos(as) filhos(as) não

podem compor ao núcleo familiar, por exemplo. É importante lembrar que cada família possui seu modo de viver, compreender e perceber a vida e suas nuances, o que promove a diferenciação de uma família para outra, além do fato da aceitação ser oscilante na maior parte dos casos. Ainda que em outros casos possamos destacar, por exemplo, que nem sempre os(as) companheiros(as) dos(as) filhos(as) são aceitos pela família, no cenário da expressão da homossexualidade essa recusa em reconhecer a legitimidade do envolvimento amoroso pela questão da expressão da orientação sexual pode funcionar como um elemento adicional de sofrimento, potencializando as repercussões negativas do *coming out*.

O processo de *outness* – processo de assumir a homossexualidade para si mesmo – variou entre os entrevistados, pois cada família teria um modo de receber essa informação, de acordo com eles. Quando perguntado como gostariam que a família recebesse a informação, alguns entrevistados brincaram, mas outros, como Pedro, destacaram a necessidade social desse processo: “Na verdade, eu queria que não precisasse contar. Porque eu acho ridículo, você já contou, sabe? Que? Não faz sentido, precisa contar. Você não conta que é heterossexual. Pra mim, não tem que existe que tem que contar”. Os entrevistados compreendem que essa atitude é um tanto utópica, já que o *coming out* proporciona quebras de expectativas que os pais criam sob seus(suas) filhos(as), como casar na igreja e ter filhos – em um primeiro momento as famílias acreditam que estes sonhos não poderão mais ser realizados, porém, podem ser realizados de outras formas. A idealização de um futuro heterossexual que os pais sonham para os filhos é uma das responsáveis pelo sentimento de desapontamento e frustração ao saber da orientação sexual. É importante destacar que essa idealização, na verdade, pode refletir apenas a manutenção do *status quo*, ou seja, naturaliza-se que os filhos serão heterossexuais. O anúncio da homossexualidade, nesse sentido, seria uma ruptura com a heteronormatividade pressuposta. Além disso, nota-se que o *coming out* pode ser benéfico ou desvantajoso, variando com os contextos sociais e ambientais os significados atribuídos por quem recebe a informação, bem como o momento em que a revelação é feita e suas repercussões ao longo do tempo.

Vale ressaltar que, em grande parte, o processo de *coming out* se deu por iniciativa dos próprios homossexuais, pois almejavam uma vida livre e buscavam o apoio da família, até mesmo visando melhorias em suas relações amorosas e sociais. Os sujeitos-focais revelaram a homossexualidade, em sua maioria, por volta dos 16 anos de idade, sendo que a mãe e os irmãos foram os primeiros a saberem. Foi um marco importante para todos na família, pois a partir daí abriram-se para o diálogo ou se afastaram – principalmente da figura paterna. Esse afastamento pode ser visto como no caso de Sofia, na qual sua mãe passou dias sem conversar com ela após o *coming out*:

“Mãe, você que conversar?” Ela falou: “Hoje não”. Aí a gente deixou ela quieta. E aí, no outro dia, ela chamou a gente e falou: “Vamos conversar”. Aí ela falou: “Eu conversei com o seu pai e preferiu não está presente, porque não que fala nada. Nada nervoso. Que não queira fala né.” Uma coisa assim. Ele ficou sabendo pela minha mãe. E eu achei que ele ia totalmente me ignora depois disso. Porque sou muito apegado ao meu pai também. Eu achei que ele ia me ignora, que não ia fala mais comigo, que muito tipo: e agora? Mas até então, tá tudo de boa.

Também relataram a importância de seus irmãos nesse processo, conforme pontuado também nas entrevistas com os membros da família. Esse aspecto pode ser observado no caso de Tiago que, ao saber da homossexualidade da irmã, ficou surpreso, embora já desconfiasse por já ter ouvido falar de possíveis namoradas que ela tivera. E o interessante, neste caso, é que, também sendo homossexual, Tiago ficou surpreso com a homossexualidade da irmã e contou que

... pra mim foi supernormal, obviamente, né. ... Primeiro, eu fiquei um pouco chocado. Porque realmente é aquele negócio né. Que a gente tá aqui do lado, mas meio que a gente tampa o sol com a peneira. Não que vê. ... Um pouco renegando, assim. Mas aí no final, realmente ela é. E, obviamente, eu não tenho nada contra.

Ainda neste caso, vale ressaltar que Tiago não é bem-vindo na casa dos pais com o namorado, o que gera uma série de desconfortos e conflitos entre eles. No entanto, Sofia, também homossexual, é acolhida por sua família. A aceitação, nessa família, parece estar relacionada tanto ao fato de que a homossexualidade feminina pode ser aceita com mais facilidade em relação à masculina, mas também pelo fato de o filho possuir um relacionamento estável. Sugere-se a possibilidade de que o relacionamento estável, por si só, gere um desconforto por ser uma materialidade que destaque, a todo o tempo, a homossexualidade de um dos seus membros (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2019). O relacionamento estável, dessa forma, funcionaria para a família como uma reafirmação de uma orientação sexual não normativa.

Nota-se a importância do acolhimento no núcleo familiar, no caso representado pelos irmãos dos entrevistados, os quais colaboram para o equilíbrio psicossocial destes, além de ajudar no possível processo de rejeição por parte do pai ou da mãe, o que favorece o ajustamento psicológico e a integridade da identidade do(a) homossexual que está passando pelo *coming out*. No que tange ao preconceito em casa, categoria que emergiu também nas entrevistas com os familiares, os(as) homossexuais alegam que sentem isso por parte de algum parente, em situações cotidianas, como, por exemplo, não poder levar o(a) companheiro(a) em casa, em festas de família, não poder falar acerca dos seus sentimentos em casa, entre outros.

Para Sofia, o preconceito acaba por perpassar toda a família, como, por exemplo, ao falar de andar de mãos dadas com a namorada:

Mas é querendo ou não, tem certas pessoas que não gosta de ver. Até eu sendo, vendo alguém andando de mão: "Nos-sa!" Você olha, né. Tá andando de mão ... Tem pessoas, igual o meu pai, se me vê andando na rua de mão dada, ele não vai gosta. Vai pirar.

Destaca-se que as reações negativas dos pais estão baseadas em medos que têm em relação aos filhos, como, por exemplo, receio de serem excluídos porque o filho fará parte do universo gay, serem excluídos de instituições religiosas, infecção por doenças, atitudes promíscuas ou, ainda, que não consigam manter uma relação duradoura com o(a) parceiro(a) (Cerqueira-Santos et al., 2017). Tais receios, apresentados como preocupações genuínas por parte dos familiares, revelam compreensões binárias, heteronormativas, estereotipadas e preconceituosas acerca das expressões das sexualidades, o que pode também dificultar e ocasionar oscilações no processo de aceitação.

Na visão dos homossexuais, mesmo esta aceitação não sendo completamente real, o modo como a repercussão está se dando já pode ser entendida como o suficiente para manterem uma boa saúde mental e não terem maiores problemas emocionais, físicos e sociais (Campos & Guerra, 2016; Hauer & Guimarães, 2015; Hoffarth & Bogaert, 2017; Miskolci, 2015). Embora a palavra "aceitação" oscile nos diálogos e nos comportamentos da família, os homossexuais julgam que a atual condição de vida não está ruim, se comparada a de colegas que revelaram a homossexualidade e foram expulsos de casa, por exemplo (Laghi et al., 2015).

A partir da triangulação das entrevistas dos(as) homossexuais e o Diagrama de Escolta que cada um preencheu, pode-se observar a presença de amigos de longa data no primeiro círculo, amigos de faculdade no segundo e parentes mais distantes no terceiro círculo, em sua maioria. Alguns participantes também inseriram no primeiro círculo o auxílio que conseguiram pela internet, como em blogs e canais no YouTube, reforçando a importância desses diferentes interlocutores no processo de revelação (Feinstein et al., 2014). Comparando as entrevistas com os familiares e com os próprios homossexuais, destaca-se que o círculo familiar pareceu ser mais apoiador dos membros para os quais a revelação foi realizada do que para os sujeitos focais, que acionaram outros atores para suas redes. Essa diversidade da rede, no caso dos homossexuais, pode ser considerada importante e favorecedora de adaptação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, que teve como objetivo conhecer as percepções de mães, pais, irmãos(ãs) e dos(as) homossexuais acerca da repercussão do *coming out* na família, conseguiu alcançar o objetivo esperado. Observa-se que mesmo nas famílias que dizem aceitar a homossexualidade, no decorrer da entrevista, acabam por deixar claro ou nas entrelinhas que ainda estão no processo de aceitação. Isso pode ser compreendido como um convite ao entendimento de que a aceitação e o acolhimento são exercícios constantes nas famílias, o que pode ser revisitado sempre que algum evento novo emergir, como um novo relacionamento do(a) filho(a), por exemplo. De modo similar, o respeito pelas expressões afetivas e sexuais que destoam da norma deve ser um exercício constante nas famílias. Assim, pode-se concluir que a aceitação e o consequente acolhimento da expressão da orientação sexual homoafetiva emergem em um processo, não sendo um fenômeno que se dá em um único momento nem em um *continuum*, mas em um fluxo que envolve avanços, retrocessos e, principalmente, transformações. Compreender esses diferentes movimentos parece ser um dos desafios deflagrados pela presente investigação.

Ressalta-se que as limitações do estudo apontam para a necessidade de se conhecer outros membros da família, como avós, tios e primos relatados nos Diagramas de Escolta. Outra limitação se refere ao tipo de análise realizada, tendo como sugestão para estudos futuros realizar a análise de casos múltiplos com os núcleos familiares e não com os grupos, como explorado no presente estudo. O fato de apenas dois pais terem aceitado participar da pesquisa também é um fator limitante e entende-se a necessidade de conhecer mais relatos da figura paterna no contexto do *coming out*.

Em relação às redes de apoio, percebeu-se que amigos, primos, tios e parentes mais próximos tiveram papel importante no processo de *coming out*, bem como para o processo de aceitação, o que demonstra que o apoio constante pode ser benéfico diante da revelação. As potencialidades da pesquisa indicam que os estudos relacionados às questões de gênero, mais precisamente o que se refere à homossexualidade, precisam ser mais explorados por meio de novas pesquisas, a fim de abranger outros pontos que possam colaborar para o melhor entendimento e compreensão da temática. É de suma importância compreender que cada membro entrevistado tem suas necessidades de intervenção, ou seja, cada um necessita de cuidados e atenção diferenciados diante do *coming out*. Uma possibilidade de novo estudo seria, portanto, explorar mais a fundo as redes de apoio.

É possível investigar, em estudos vindouros, em que medida a aceitação por parte de um determinado membro pode ser

importante no processo de construção da aceitação por parte de outro membro que, porventura, possua maior dificuldade ou rigidez com a situação. Outra questão emergente é investigar quais membros possuiriam maior protagonismo nesse processo, tanto facilitando como dificultando o processo de aceitação. Essa facilitação dar-se-ia em função dos vínculos construídos ou das funções ocupadas dentro da família? Irmãos e mães, de fato, seriam mais acolhedores? Pelos dados da presente pesquisa, sim. Mas e quem ajudaria os pais nesse processo de aceitação? Quem poderia mediar aproximações e distanciamentos? Essas questões permanecem em aberto e podem ser endereçadas futuramente, ampliando os conhecimentos sobre a família diante do *coming out*.

Nota-se que as dinâmicas familiares variam de um núcleo para o outro, assim como dentro de cada núcleo. Longe de buscar normalidades nas expressões dessas percepções, vale ressaltar a importância de se conhecer qualitativamente a visão de cada membro da família diante do tema em questão não apenas como forma de evidenciar diferentes posicionamentos como também para contribuir com a emergência de uma cultura de maior acolhimento, aceitação e respeito pelas diversidades, em um exercício constante dentro e fora das famílias.

#### FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada pela bolsa de mestrado da primeira autora (CAPES, prot. 04101982856).

#### DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

G.C.M.N. e F.S.C. contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; F.S.C. foi responsável pela obtenção de financiamento; G.C.M.N. fez a redação inicial do artigo (rascunho) e G.C.M.N. e F.S.C. são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

#### DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

#### REFERÊNCIAS

- Amorim, A. N., & Stengel, M. (2014). Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade. *Revista Estudos de Psicologia*, 19(3), 157-238. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2014000300003>
- Antunes, P. P. S. (2017). Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. *Revista Kairós*, 20(1), 311-335. <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i1p311-335>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport*, 11(1), 1--9. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- Campos, L. S., & Guerra, V. M. (2016). O ajustamento familiar: Associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psicologia em Revista*, 25(1), 33-57. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>
- Cerqueira-Santos, E., Carvalho, C. A. S. G., Nunes, L. M., & Silveira, A. P. (2017). Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 25(2), 691-702. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.2-15>
- Costa, C. B., Machado, M. R., & Wagner, M. F. (2015). Percepções do homossexual masculino: Sociedade, família e amizades. *Temas em Psicologia*, 23(3), 777-788. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-20>
- Feinstein, B. A., Wadsworth, L. P., Davila, J., & Goldfried, M. R. (2014). Do parental acceptance and family support moderate associations between dimensions of minority stress and depressive symptoms among lesbians and gay men? *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(4), 239-246. <http://dx.doi.org/10.1037/a0035393>
- Frost, D. M., Meyer, I. H., & Schwartz, S. (2016). Social support networks among diverse sexual minority populations. *American Journal of Orthopsychiatry*, 86(1), 91-102. <http://dx.doi.org/10.1037/ort0000117>
- Gaspodini, I. B., & Falcke, D. (2018). Relações entre preconceito e crenças sobre diversidade sexual e gênero em psicólogos/as brasileiros/as. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 744-757. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00065314>
- Hank, K., & Salzburger, V. (2015). Gay and lesbian adults' relationship with parents in Germany. *Journal of Marriage and Family*, 77(4), 866-876. <https://doi.org/10.1111/jomf.12205>
- Hauer, M., & Guimarães, R. S. (2015). Mães, filh@s e homossexualidade: Narrativas de aceitação. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto)*, 23(3), 649-662. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-10>

- Hoffarth, M. R., & Bogaert, A. (2017). Opening the closet door: Openness to experience, masculinity, religiosity, and coming out among same-sex attracted men. *Personality and Individual Differences, 109*, 215-219. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.01.011>
- Kahn, R. L., & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life-course: Attachment, roles and social support. In P. B. Baltes, & O. G. Brim (Eds.), *Lifespan development and behavior* (pp. 253-286). Academic Press.
- Laghi, F., Baiocco, R., Baumgartner, E., Marasco, B., Fontanesi, L., Santamaria, F., & Willoughby, B. L. B. (2015). Negative parental responses to coming out and family functioning in a sample of lesbian and gay young adults. *Journal of Child and Family Studies, 24*(5), 1490-1500. <https://doi.org/10.1007/s10826-014-9954-z>
- Lira, A. N., & Morais, N. A. (2017). Resilience in lesbian, gay e bisexual (LGB) population: An integrative literature review. *Sexuality Research and Social Policy, 15*, 1-11. <http://dx.doi.org/10.1007/s13178-017-0285-x>
- Miskolci, R. (2015). "Discreto e fora do meio": Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cadernos Pagu, 44*(1), 61-90. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4449201500440061>
- Nascimento, G. C. M., Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia, 23*(3), 547-563. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2019). Significados atribuídos ao relacionamento amoroso estável em jovens homossexuais do sexo masculino. *Contextos Clínicos, 12*(1), 48-74. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2019.121.03>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2021). Coming out in families of gay and lesbian people. In N. A. Morais, F. Scorsolini-Comin & E. Cerqueira-Santos (Eds.), *Parenting and couple relationships among LGBTQ+ people in diverse contexts* (pp. 41-56). Springer.
- Paula-Couto, M. C. P., Koller, S. H., Novo, R., & Sanchez-Soares, P. (2008). Adaptação e utilização de uma medida de apoio social – diagrama de escolta – para idosos brasileiros. *Universitas Psychologica, 7*(2), 493-505. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-92672008000200015](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-92672008000200015)
- Pérez-Sancho, B. (2005). *Homossexualidad: Secreto de familia: El manejo del secreto en familias con algún miembro homosexual*. Egales.
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia, 19*(1), 67-76. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>
- Ribeiro, L. M., & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade, 29*, 162-267. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162267>
- Robinson, M. A., & Brewster, M. E. (2016). Understanding affiliate stigma faced by heterosexual family and friends of LGB people: A measurement development study. *Journal of Family Psychology, 30*(3), 353-363. <https://doi.org/10.1037/fam0000153>
- Rondini, C. A., Teixeira Filho, F. S., & Toledo, L. G. (2017). Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. *Psicologia USP, 28*(1), 57-71. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140011>
- Sabat, I., Trump, R., & King, E. (2014). Individual, interpersonal, and contextual factors relating to disclosure decisions of lesbian, gay, and bisexual individuals. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, 1*(4), 431-440. <http://dx.doi.org/10.1037/sgd0000061>
- Silva, M. M. L., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valerio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: Dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia (Ribeirão Preto), 23*(3), 677-692. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-12>
- Souza, D. A. A., Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2020). Revealing homosexuality: Perceptions of young Brazilian adults. *Ciencias Psicologicas, 14*(2), 1-13. <https://doi.org/10.22235/cp.v14i2.2229>
- Sung, M. J. (2015). Prosperidade sim, família homossexual, não! A nova classe média evangélica. *Psicologia USP, 26*(1), 43-51. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140011>
- Tombolato, M. A., Maia, A. C. B., Uziel, A. P., & Santos, M. A. (2018). Prejudice and discrimination in the everyday life of same-sex couples raising children. *Revista Estudos em Psicologia, 35*(1), 111-122. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000100011>
- Valente, M. B. B., Sordi, B. A., & Lima, M. L. C. (2018). Performances ou ideologia de gênero? Uma aproximação ao pensamento de Judith Butler. *Barbarói, 51*(1), 1-20. <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v51i1.12187>
- Zanatta, E. A., Ferraz, L., Klein, M. L., & Marques, L. (2018). Descobrir, aceitar e assumir a homoafetividade: Situações de vulnerabilidade entre jovens. *Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental, 10*(2), 391-398. <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i2.391-398>

Recebido: 13/04/2020

Primeira Decisão Editorial: 28/07/2021

Aceito: 17/08/2021